

CORPOS SUBALTERNOS: DOMÍNIO E OPRESSÃO DOS CORPOS DE MULHERES ANGOLANAS NA POESIA DE PAULA TAVARES

SUBALTERN BODIES: DOMINANCE AND OPPRESSION OF THE BODIES OF ANGOLAN WOMEN IN THE POETRY OF PAULA TAVARES

Érica Patricia Rodrigues de Sousa¹

RESUMO: O presente trabalho tematiza as significações das representações de corpos de mulheres articuladas pelas relações de gênero, a partir da obra *Amargos como os frutos* (2011), da poeta angolana Paula Tavares. Tem como foco o corpo subalterno, lido com vistas a compreender os sentidos e as estruturas das significações de cada eixo analítico: gênero, corpo e sexualidade. O objetivo geral do trabalho foi pesquisar representações de mulheres em diferentes processos de anulação da autonomia sociopolítica e afetiva, articuladas na relação delas com seus próprios corpos e com aqueles do sexo masculino, além de serem confrontadas com paradigmas culturais de comportamentos naturalizados e estabelecidos para mulheres e homens na sociedade angolana. O estudo possui como objetivos específicos: investigar, na poesia de Paula Tavares, formas de domínio do masculino sobre o feminino; averiguar se há representações de insubordinação da sexualidade feminina nos poemas da autora, de forma a perceber se os limites postos para os comportamentos entre os gêneros podem ser transpostos. Fazem parte do marco teórico que subsidiou esta pesquisa, autores como Beauvoir (1967), Bourdieu (2002), Butler (2003), Ducados (2004), Grassi (2001), Machado (2000), Saffioti (1987, 2004), Santos (2002) e Silva (2009, 2011). Sobre a produção poética de Paula Tavares, houve a contribuição de teóricos como Mantolvani (2016), Matta (2011), Secco (2011, 2013) e Souza (2010). As categorias adotadas para a análise foram: corpo, gênero, patriarcado e subalternidade. O pressuposto do problema de pesquisa parte da seguinte questão: como mulheres oprimidas são representadas pela poesia de Paula Tavares na obra *Amargos como frutos*? A metodologia utilizada neste trabalho foi pesquisa bibliográfica qualitativa, orientada pelo eixo de análise da submissão feminina.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; sexualidade; corpo; patriarcado, poética; Paula Tavares.

ABSTRACT: The present work deals with the meanings of the representations of women's bodies articulated by gender relations. The work *Amargos como os frutos* (2011) by the Angolan poet Paula Tavares is the object of study in this research, which was articulated from the analysis plan on the subaltern body; which was read, lyrically and theoretically, in order to

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7640-6088>. E-mail: iteralmenteerica@gmail.com.

understand the meanings and structures of the meanings of each analytical axis: gender, body and sexuality. The general objective of the work was to research representations of women in different processes of annulment of socio-political and affective autonomy, which emerge from Paula Tavares' poetry in the book *Amargos como Frutos* (2011), articulated in the relationship of these with their own bodies and with those of the sex male, confronted with cultural paradigms of naturalized and established behaviors for women and men in Angolan society. And there were specific objectives: to investigate, in Paula Tavares' poetry, ways of dominating the masculine over the feminine; to investigate whether there are representations of insubordination of female sexuality inscribed in poems by Paula Tavares in order to understand whether the limits placed on behaviors between genders can be transposed. Authors such as Beauvoir (1967), Bourdieu (2002), Butler (2003), Ducados (2004), Grassi (2001), Machado (2000), Saffioti (1987, 2004), Silva (2009, 2011) and Santos (2002) are part of the theoretical framework that supported this research. On the poetic production of Paula Tavares, there was the contribution of theorists such as Mantolvani (2016), Matta (2011), Secco (2011, 2013) and Souza (2010). Categories adopted for the analysis were: body, gender, patriarchy, subordination. The assumption of the research problem, formulated through the following question: how are oppressed women represented in the poetry of Paula Tavares, by the work *Amargos como os frutos*. The methodology used in this work was qualitative bibliographic research, guided by the axis of analysis of female submission.

KEYWORDS: gender; sexuality; body; patriarchy, poetics; Paula Tavares.

1 PARA COMEÇAR...

As flores com que me vestiram
Eram só
Para arder melhor.
(TAVARES, 2011, p. 158).

Ana Paula Ribeiro Tavares, ou simplesmente, Paula Tavares – nome literário escolhido para assinar seus livros de poesia –, nasceu em Lubango, província da Huíla, sul de Angola, em 1952. Deixou o país para estudar em Lisboa, Portugal, onde terminou sua formação em História, concluiu mestrado em Literaturas Africanas e doutorado em História Africana. Tem atuado em áreas da cultura, museologia, arqueologia e etnologia (AVILA, 2010). É autora de várias publicações científicas e de obras literárias, por vezes premiadas, que são alvo de atenção da crítica, que a considera uma das mais importantes vozes femininas na atualidade, principalmente no que se refere à poesia africana.

A história de Angola revela muitos aspectos de realidades elaboradas em

poemas de Paula Tavares. O meio ambiente do qual emerge o corpo feminino estudado é Angola, com seus mais de 500 anos de colonização, tendo conquistado sua liberdade apenas em 1975, portanto, recém-descolonizado. No entanto, apesar de livre, permaneceu numa guerra civil que durou até 2002. Somando esse período com quatorze anos de guerra anticolonial, são quarenta anos de guerra ininterrupta, que destruiu toda a infraestrutura do país. (MACHADO; PARREIRAS; SALEK; ROCHA, 2012).

Paula Tavares é uma das vozes mais representativas da renovação poética angolana pós 1980. (SECCO, 2013). Na visão de Secco (2011, p. 262), a poeta funda, em Angola, “uma nova dicção poética que repensava a questão da sexualidade reprimida das mulheres e não eximia de refletir sobre as desilusões sociais.” A poeta lançou sua primeira obra em 1985, intitulada *Ritos de passagem*. Trata-se de um livro de poemas que traz o universo feminino em uma riqueza de nuances, que vão da particularidade do ser a problemáticas que afetam as mulheres, como categoria.

Neste artigo, tematizam-se representações de corpos de mulheres angolanas por meio de imagens poéticas, que serão articuladas pelas relações de gênero, através do eu lírico feminino presente em poemas de Paula Tavares. O livro investigado, *Amargos como os frutos* (2011), reúne os seis livros de poemas da autora, publicados entre 1985 e 2010.

Para a realização deste trabalho foram analisados dois poemas, um deles publicado no livro *O lago da Lua* (TAVARES, 2011), e o outro faz parte da obra *Cerimonias de Passagem* (TAVARES, 2011). Os poemas foram selecionados pela presença da imagem da subalternização do corpo feminino, traço comum entre eles.

Paula Tavares cria uma diversidade de processos de emancipação feminina, o que gerou as inquietações que engendram a problemática deste estudo, potencializado pela disposição para investigar como os processos de

opressão das mulheres são elaborados pela poeta africana. A problematização do corpo das mulheres angolanas reflete sobre as normatizações inscritas nos papéis e posturas que elas são submetidas nos *corpora* analisados.

A proposta deste trabalho se justifica por referir-se à discussão de questões que abordam imagens de gênero que lesam a vida de mulheres, que não foram suficientemente discutidas nos espaços de produção de conhecimento, assim como nas sociedades que são estruturadas a partir desses modelos; além de possibilitar a análise de vivências pautadas no reconhecido sexismo, que subjuga mulheres e afeta diretamente a sociedade, pois produz hierarquias opressoras. A fim de alcançar os objetivos traçados, o processo de coleta de dados foi realizado a partir da leitura dos poemas, orientada por três principais categorias analíticas: Corpo, Gênero e Sexualidade.

2 MARCO TEÓRICO: ENTRECruzAMENTO ENTRE DISCURSOS DE GÊNERO

É necessário definir conceitos sobre Corpo, Gênero e Sexualidade, para estudar a opressão do corpo feminino na poesia de Paula Tavares. Por isso, vale apresentar, de pronto, algumas referências conceituais. Por exemplo, o conceito de patriarcado, lido como a forma de domínio do masculino sobre o feminino, é disposto como uma subcategoria de gênero. Parte-se do pressuposto de que relações baseadas em preceitos patriarcais são apenas uma das formas de articular os vínculos entre homens e mulheres, em poemas da autora, haja vista que neles há imagens de gênero que desconstroem muitos desses padrões, mas que não serão estudadas neste recorte do tema.

Há um debate entre teóricas feministas acerca do uso do termo patriarcado, porque embora muitas apregoem a necessidade desse conceito, outras consideram seu uso desnecessário. Por exemplo, Saffioti (2004, p. 122) coloca que a resistência em continuar utilizando o termo patriarcado para compreender as relações entre masculino e feminino “permite que este

esquema de exploração-dominação grasse e encontre formas e meios mais insidiosos de se expressar. Enfim, ganha terreno e se torna invisível”. A socióloga entende que não utilizar o termo é mascarar as relações de opressão.

É justamente esta concentração do termo em relações opressivas que faz a filósofa norte-americana Judith Butler (2003) afirmar que o patriarcado é um conceito ultrapassado. Ela diz ser uma presunção política acreditar que exista “uma base para o feminismo.” (BUTLER, p. 20). A autora considera o patriarcado um conceito simplificador, pois trabalha com a concepção de singularidade das relações de dominação: “a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe.” (BUTLER, 2003, p. 20).

É possível apostar em um patriarcalismo contemporâneo (MACHADO, 2000), porque é notório que os juízos de valor patriarcais permanecem conduzindo as relações de gênero; assim, são variadas e intensas as formas de opressão contra as mulheres, não sendo presumível o tempo em que a humanidade alcançará relações equilibradas. Todavia, ler as relações humanas a partir das ideias de gênero é abrir-se para o entendimento de que é possível uma mobilidade dessas relações.

Embora seja importante ressaltar que o patriarcado está instalado na linguagem, nos simbolismos, ainda é dele que os significantes partem para reger as relações de gênero. Por essas razões, foram utilizados os dois termos ao longo do trabalho: patriarcalismo e gênero, não como palavras sinônimas, mas gênero fazendo referência às imagens construídas sobre o masculino e o feminino em poemas de Paula Tavares; e patriarcado, de forma específica, quando foram avaliados poemas em que essa forma de dominação imperava.

A seleção do referencial teórico priorizou discussões contemporâneas sobre os estudos de gênero, porém, levando em consideração o contexto social

pós-colonial e pós-guerra do país. Para uma maior aproximação com as imagens poéticas de Paula Tavares, parte do referencial teórico tem como base o estudo de pesquisadores angolanos, priorizando aqueles que discutem as relações de gêneros no País, tais como Silva (2009, 2011), que analisa o acesso à educação de mulheres do campo e mulheres urbanas em Angola, confrontando com influências étnicas e a manutenção do direito costumeiro e Grassi (2001), que investiga as relações econômicas como elemento de dominação masculina em Angola, indicando que mesmo as mulheres se destacando no mercado de trabalho informal, a conexão com aspectos históricos e sociais ainda as subalterniza; além de outros teóricos que elaboram seus discursos de dentro do País. (DUCADOS, 2004; PEREIRA, 2008).

A pesquisa estudou representações de corpos oprimidos de mulheres, com o intuito de investigar, na poesia de Paula Tavares, formas de domínio do masculino sobre o feminino; por vezes, comparando com o corpo social de Angola. Nos poemas analisados, as mulheres estão sob o duplo fardo de sujeição: por um lado, os ditames coloniais ainda se fazem presentes; por outro, preceitos patriarcais ordenam as relações de gênero. Ambos relegando a elas lugares de submissão.

O estudo da inferiorização de mulheres pautar-se-á na análise de posturas determinadas pelo patriarcalismo, que foi o fio condutor da leitura de relações estabelecidas entre os gêneros. A escolha dessa perspectiva se deve ao fato de que os vínculos entre homens e mulheres se articulam nos textos a partir do domínio, que submete as mulheres a essa forma de poder. Portanto, o pressuposto partiu da concepção de que nos poemas selecionados a opressão dos corpos femininos está na base das relações entre os gêneros. É possível performar outros papéis de gênero, porém, a ilusória estabilidade os torna rígidos (BUTLER, 2003). Foi possível avaliar, nos poemas, a presença de algum signo que indicasse reação e empoderamento das mulheres.

Como o processo de dominação masculina repercute de diversas formas em parte da produção poética de Paula Tavares foram selecionados textos em que o corpo dominado e oprimido de mulheres angolanas consta como um dos elementos utilizados para responder à problemática do trabalho, que é a de estudar como a opressão dos corpos femininos é elaborada pela poética da autora estudada.

2.1 A maternidade como papel social compulsório

A ordem social estabelecida em cada sociedade age no sentido de naturalizar as vivências e normas comunitárias. Dessa forma, pode-se afirmar que o papel social mais ligado à imagem de mulheres é a maternidade. Nas imagens poéticas que foram analisadas neste item de estudo, composto pela análise do poema: “Mulher à noite” (TAVARES, 2011), é possível observar corpos que correspondem à atribuição compulsória da maternidade em um contexto de miséria.

Mukai (3)

(Mulher à noite)

Um soluço quieto

desce

a lentíssima garganta

(rói-lhe as entranhas

um novo pedaço de vida)

os cordões do tempo

atravessam-lhe as pernas

e fazem a ligação terra.

Estranha árvore de filhos
uns mortos e tantos por morrer
que de corpo ao alto
navega de tristeza
as horas.

(TAVARES, 2011, p. 91).

O poema projeta imagens de um eu lírico feminino que traz no corpo a miséria que atinge o contexto social angolano. No texto, a maternidade se instala como inevitável, e aparece como principal fator de subalternidade feminina. Existe uma pressão psicológica e econômica sobre a mulher, em relação à maternidade, em Angola, porque a fertilidade é um valor social. Ter filhos é responder ao seu papel como mulher, além de produzir mais mão de obra para a agricultura. (PEREIRA, 2008). No entanto, pode-se ponderar que manter altas taxas de fertilidade, em um país cujas condições sociais são degradantes para a população, indica ausência do Estado com políticas públicas voltadas para a questão da natalidade.

Segundo as estatísticas, existem em Angola cerca de 19 milhões de habitantes [UNICEF 2011: 108, PNUD 2010: 194], dos quais 42% residem no meio rural. Outros indicadores sociodemográficos referem-se à esperança média de vida, que é de 48 anos [UNICEF 2011: 88], a mortalidade materna que registra 1400 casos por 100 mil natos vivos [PNUD 2010: 166], a mortalidade infantil na ordem dos 42 por 1000 nascimentos [UNICEF 2011: 88] e uma taxa de fertilidade de 5,6 filhos por mulher [UNICEF 2011: 126]. O índice de pobreza cifra-se nos 77%, dos quais 26% de pobreza extrema [PNUD 2010: 170], sendo as mulheres e as crianças as principais vítimas. (SILVA, 2011, p. 22).

Dentro do contexto de pobreza mencionado pelos índices citados, percebe-se que nas imagens do poema “Mulher à noite”, a poeta elabora muitos

nascimentos, para muitas mortes: “Estranha árvore de filhos/ uns mortos e tantos por morrer.” (TAVARES, 2011, p. 91). Nesse poema, o corpo feminino perde toda a capacidade de agência sobre a própria existência, permanecendo assujeitado à cultura, que se apresenta como natureza, tanto que a mulher é “árvore”, que pode ser traduzida como analogia à reprodução; assim como também é signo para a passividade e o silêncio da mulher retratada: “sua existência aparece-lhe tranquilamente justificada pela passiva fertilidade do corpo.” (BEAUVOIR, 1967, p. 267).

A filósofa Simone de Beauvoir é uma das personalidades mais emblemáticas de politização das mulheres, tendo a maternidade como um de seus argumentos sobre a naturalização das opressões femininas. Em sua renomada obra intitulada *O segundo sexo* (1967), questionou o determinismo biológico, polemizando o destino das mulheres como mães. É notório que, ainda hoje, na maior parte do mundo, ser mãe prende as mulheres à esfera doméstica, sendo a mulher, geralmente, a única responsabilizada pelos cuidados com a prole, o que pode afastá-la do mercado de trabalho, diminuindo as oportunidades de conquistar independência financeira.

Silva (2009) afirma que na zona rural de Angola há uma rígida normatização de papéis sexuais. Reservam à mulher um valor associado ao casamento e à maternidade. Por outro lado, na zona urbana, as mulheres podem encontrar mais espaços para se firmar como pessoa independente, principalmente se é a chefe do agregado familiar, uma vez que o dinamismo dela no comércio informal pode justificar novos paradigmas (GRASSI, 2001). No entanto, vale frisar que a independência financeira não diminui a violência impetrada contra elas, quando possuem cônjuges. (DUCADOS, 2004).

A participação na vida econômica e social, possibilitada pelo exercício de uma função fora do âmbito doméstico, não é indicativa de igualdade entre os gêneros. Além de ser vedada às mulheres da zona rural, que permanecem entre

a lavoura e o agregado familiar: “a sua existência pauta-se por uma grande invisibilidade no plano social, na medida em que não é chamada a intervir nos processos decisivos da vida comunitária.” (SILVA, 2011, p. 21). Nesse contexto, toda energia feminina deve ser direcionada à gestão da vida doméstica e à educação dos filhos. “Alienada em seu corpo e em sua dignidade social, a mãe tem a ilusão pacificante de se sentir um ser em si, um valor completo.” (BEAUVOIR, 1967, p. 263). Seu reconhecimento como pessoa depende do desempenho desse papel, cuja responsabilidade recai sobre elas, como é naturalizado em sociedades patriarcais.

São as relações de dominação que mantêm leituras patriarcais de gêneros. Essas exigem que mulheres exerçam uma função naturalizada pelas leituras sociais feitas sobre seu corpo. Tornam o significante “mãe” ideal de realização feminina, direcionando, também, a sexualidade de mulheres ao cumprimento de um dever, uma obrigação que deve ao cônjuge e à comunidade. Nesse sistema, a sexualidade não se relaciona com prazer sexual para mulheres; como lembra Simone de Beauvoir, “a fecundação pode realizar-se sem que a mulher sinta o menor prazer.” (BEAUVOIR, 1967, p. 112).

Em sociedades patriarcais há uma decência apregoadada à maternidade como papel social. Beauvoir (1967) esclarece que se reverenciam as mulheres que são mães; porém, isso depende da presença masculina ao lado delas, porque está associada ao casamento, ou seja, passa pela validação de um homem. Ainda considerando a questão da maternidade, a filósofa ironiza: “Falou-se, também muitíssimo, dos direitos sagrados da mãe, mas não foi como mãe que as mulheres conquistaram o direito de voto [...]” (BEAUVOIR, 1967, p. 293).

É indubitável que, independentemente de que haja o desejo real de mulheres assumirem a maternidade como função social única, um fator indicativo de autonomia feminina é a possibilidade de elas recusarem a maternidade para experienciarem outros horizontes afetivos e profissionais.

No poema “Mulher à noite.” (TAVARES, 2011), pode-se vislumbrar que a personalidade feminina se encontra anulada como sujeito, seguindo compulsoriamente o destino biológico de seu corpo, frente às mazelas sociais do contexto histórico e social do qual faz parte.

Nesse poema a figura feminina permanece em silêncio, engolindo de forma passiva as agruras sociais a que está submetida: “Um soluço quieto/ desce / a lentíssima garganta.” A personalidade feminina é mantida na invisibilidade, tanto que a escuridão já vem embutida no título do texto (“Mulher à noite”). Paula Tavares (2011) elabora, no referido poema, uma mulher que perde a individualidade, para ser apenas um corpo gerador de vidas e mortes sucessivas. Essa perda do que pessoaliza os indivíduos está associada à capacidade de reger a própria existência, e isso é anulado, pois a mulher é resultado de uma situação, e não agente de suas escolhas.

Importante contextualizar que “Mulher à noite” (TAVARES, 2011) faz parte do segundo livro de Paula Tavares, lançado em 1999, *O lago da lua*, obra que tem como referência um contexto social marcado por longos anos de colonização e guerras civis; portanto, traz a presença de uma Angola desencantada, degredada.

A professora Heleieth Saffioti (1987) estuda categorias de patriarcado no Brasil, mas seus estudos dialogam muito bem com o contexto social de mulheres em Angola. Ela afirma que por maior que sejam as diferenças de situação social entre as mulheres, elas têm a maternidade como identidade, que indica responsabilidade exclusiva delas, de tal forma que os cuidados com os filhos cabem a elas. Isso parece tão natural quanto sua capacidade de dar à luz. O pensamento de Saffioti está em consonância com o fato de que, em Angola, a mulher tem o papel tradicional de garantir o bem-estar do agregado familiar (GRASSI, 2001).

Entretanto as relações patriarcais e o contexto de miséria cercam a

capacidade de agência da mulher, convergindo vários fatores no sentido de subalternizar o feminino. Em Angola, são muitas as circunstâncias de dominação masculina, como na maior parte dos países, afetando a maioria das mulheres. Pereira (2008) discute sobre a ocupação de espaços públicos pelas mulheres em Angola, dissertando sobre fatores que as subalternizam no país:

A poligamia, a fraca posição de escolha no que diz respeito às relações sexuais, os níveis mais baixos de educação, as limitadas condições econômicas decorrentes da menor oportunidade de conseguir informação e o uso da prostituição como estratégia econômica fazem com que as mulheres sejam postas numa situação altamente precária em relação aos indivíduos do sexo masculino (PEREIRA, 2008, p. 74-75).

Acrescenta-se aos fatores elencados por Pereira (2008), dados da pesquisa de Marzia Grassi (2001), que estuda o desenvolvimento econômico de Angola a partir da perspectiva de gêneros. Grassi (2001) faz menção ao aumento da prostituição de jovens deslocadas de sua terra de origem, devido à guerra. A pesquisadora afirma também que “um terço das doenças que afetam as mulheres com idade entre 15 e 44 anos estão relacionadas com a gravidez, o parto, o aborto, o HIV e infecções do aparelho reprodutor” (GRASSI, 2001, p. 9). Ou seja, a saúde feminina é afetada principalmente por problemas relacionados à sexualidade. Em alguns poemas de Paula Tavares (2011), o fator que mais subalterniza mulheres é justamente a disposição delas como objeto sexual, em um contexto de miséria.

Percebe-se que no texto avaliado neste tópico de estudo, “Mulher à noite” (TAVARES, 2011), o espaço poético revela dramas sociais que atingem a experiência feminina, tirando delas a possibilidade de serem sujeitos de suas escolhas. No próximo tópico analítico, observa-se como a repetição compulsória de condutas tradicionais mantém mulheres reféns de performances que as escravizam.

2.2 A opressão e a subversão do corpo feminino

De maneira geral, o poema *corpus* para este tópico analítico se diferencia do anterior, no sentido de que embora a opressão seja cerceadora do sujeito feminino, a ponto de fragmentá-lo, até de sugar sua presença, é nesse poema que o corpo da mulher empodera-se e aventura-se no desconhecido do que poderá ser, sem as imposições do opressor; assumindo o controle do próprio corpo, passa a se reger de acordo com as próprias vontades. Em “Desossaste-me” há o rompimento com o padrão de comportamento exigido das mulheres, abrindo espaço para elaboração de novas performances.

Desossaste-me
 Cuidadosamente
 inscrevendo-me
 no teu universo
 como uma ferida
 uma prótese perfeita
 maldita necessária
 conduziste todas as minhas veias
 para que desaguassem
 nas tuas
 sem remédio
 meio pulmão respira em ti
 o outro, que me lembre
 mal existe

Hoje levantei-me cedo
 pintei de tacula e água fria
 o corpo aceso
 não bato a manteiga
 não ponho o cinto

Vou
para o sul saltar o cercado
(TAVARES, 2011, p. 55).

“Desossaste-me” faz parte do livro *Ritos de passagem* (1985), nesse poema ocorre a descrição de um ritual de transição do eu lírico feminino, pois a mulher recusa padrões sociais e busca outra dinâmica para sua existência; o sujeito poético vê sua vida presa a uma relação de anulação total de seu ser, e, na tomada de consciência dessa situação, decide abandonar as práticas que constituem suas obrigações: “não bato a manteiga / não ponho o cinto” (TAVARES, 2011, p. 55); preparando-se para uma nova vida.

O desossar é metáfora utilizada para indicar o esfacelamento da individualidade da mulher, através da violência contra seu corpo. No primeiro momento do poema, ela aparece apenas como parte constituinte do homem. Porém, na segunda estrofe, há uma ruptura com a passividade que seu corpo demonstra. A voz feminina indica outra performance para o corpo fracionado, num movimento de rebeldia, que busca ser inteiro. A mulher lança-se ao desconhecido, dona de si, segue outro caminho. O penúltimo verso afirma, com uma palavra: “Vou”, em letra maiúscula, na primeira pessoa e destacada dos outros versos, desenhando imagetivamente a atitude do eu lírico: “Vou / para o sul saltar o cercado.” (TAVARES, 2011, p. 55).

As cercas e cercados presentes nos poemas de Paula Tavares funcionam simbolicamente como limites, fronteiras, muralhas que devem ser ultrapassadas, limites que devem ser quebrados, identidades que precisam ser resgatadas. A negação dos valores do seu universo empurra o eu poético em direção aos caminhos dos bois: o sul. Impressão de que o sul é o caminho da liberdade, da mudança de condição. (MANTOLVANI, 2003, [s. p]).

Em “Desossaste-me”, para que a mulher conseguisse estabelecer outra

realidade para si, teve que romper paradigmas que a mantinham passiva frente à violência. O pesquisador português Boaventura de Sousa Santos (2002), importante teórico da sociologia do direito, possuindo estudos que atravessam muitas áreas do conhecimento, por considerar a dimensão das subjetividades em interação com as sociedades, entende que a sociedade é organizada através da repetição. Sobre a dinâmica das repetições materializadas nas interações sociais, o teórico esclarece que são formas:

[...] que organizam o constante fluxo de relações, em sequências repetitivas, rotinizadas e normalizadas, por meio das quais os padrões de interação são desenvolvidos e “naturalizados” como normais, necessários, insubstituíveis e de senso comum. (SANTOS, 2002, p. 282).

É patente, nos poemas em análise, a presença de padrões de comportamento com fundamentos patriarcais, pois a marca naturalizada do patriarcado está nas imagens que conduzem a existência do eu lírico em cada poema. No entanto, a perspectiva da personalidade feminina no poema “Desossaste-me” (TAVARES, 2011) é de consciência sobre a exploração a que é submetida a mulher, dentro de uma vida feminina tradicional. A dor parece gerada da constatação sobre a extensão da violência e domínio impressos em seu corpo, em sua individualidade.

É justamente o fato de sair do estado de alienação sobre sua realidade que faz essa mulher agir no sentido de quebrar os paradigmas que a mantinham vitimizada, mas é necessário romper com as sequências de comportamentos que repete em seu cotidiano, ou seja, arriscar-se rumo ao imprevisível. Santos (2002) afirma que as instituições são vigilantes quanto às repetições de padrões no intuito de manter a ordem posta. Elas geram expectativas que os indivíduos e grupos sociais se pautam para definir posturas.

Pensar sobre o conceito de repetição de padrões como característica dos

indivíduos, assim como parte fundante da dinâmica social, é importante para refletir sobre quais posturas quebram determinadas cadeias de comportamentos normalizados pelas culturas. Segundo Judith Butler (2003), as normas de gênero são uma tarefa que nunca é realizada de acordo com a expectativa, mas que geralmente obriga o sujeito a se aproximar dos paradigmas fixados. A repetição compulsória que essas normas exigem limita o ser individual. Porém, é a inflexibilidade arbitrária das regras postas que fazem aqueles que não se enquadram questionar, resistir e subverter a performatividade dos corpos (BUTLER, 2003).

Os sentidos atribuídos à sexualidade feminina nas imagens poéticas analisadas neste artigo são de anulação e violência. As redes de poder seguem uma ordem que está posta há muito tempo, tanto que se impõem como a maneira natural de configuração do mundo. No poema “Desossaste-me” (TAVARES, 2011), o corpo feminino aparece, no primeiro momento, esfacelado; no segundo momento, esse corpo rompe com a passividade e se rebela. Para isso, a mulher nega práticas cotidianas que lhes são imputadas, abandona os paradigmas que lhe ditam a vida, busca ser inteira, lança-se a “saltar o cercado.” (TAVARES, 2011). “Desossaste-me” ilustra a mulher desenvolvendo a consciência de sujeito da própria existência; desta forma, alcança performances mais livres de ideologias opressoras, rejeitando o papel suplementar na vida do parceiro.

Boaventura Santos (2002) afirma que os paradigmas socioculturais são como os seres humanos: “nascem, desenvolvem-se e morrem.” (SANTOS, 2002, p. 15). Contudo, a diferença expressiva nesse processo é que na morte eles trazem em si um novo paradigma, que ocupará o lugar do modelo anterior. Não é possível mensurar o que nasce com o que morre, porque o que nasce é o novo, sem reprisar o paradigma anterior. Outra característica é que a mudança paradigmática é imperceptível no momento que está ocorrendo; somente

depois de anos, ou séculos, é viável estabelecer uma data aproximada (SANTOS, 2002).

A passagem entre paradigmas – a transição paradigmática - é, assim, semicega e semi-invisível. Só pode ser percorrida por um pensamento construído, ele próprio, com economia de pilares e habituado a transformar silêncios, sussurros e ressaltos insignificantes em preciosos sinais de orientação. (SANTOS, 2002, p. 15).

O poema “Desossaste-me” (TAVARES, 2011) aponta novos padrões de comportamento, havendo subversão de posturas que fazem parte do senso comum de sociedades patriarcais. Isso aponta para um tempo em que sejam estabelecidos outros modelos socioculturais, nos quais as performances femininas tenham autonomia para definir, a partir de si, o movimento de seu corpo e sexualidade.

Na obra *A dominação masculina*, Bourdieu (2002) considera que as concepções invisíveis, simbólicas, que são transmitidas culturalmente, formam esquemas de pensamentos impensados. Elas nos levam, até mesmo quando pensamos que estamos agindo livremente, a repetir esquemas de dominação, ou seja, o nosso pensamento livre permanece marcado por concepções simbólicas definidas culturalmente. Isso faz parecer que, numa relação hierárquica de gênero, haja aceitação de quem é dominado, o que reproduz a dominação masculina incrustada no pensamento, nos corpos, nos símbolos e, principalmente, na linguagem.

Em alguns países, já não é sustentável a rigidez de padrões utilizados para oprimir as mulheres, tanto que os movimentos feministas vêm, ao longo dos anos, lutando contra paradigmas em que se assentam tais opressões. O feminismo abriu espaços para contestação de temas tabus como a sexualidade, contribuindo substancialmente para problematizar performances

estabelecidas como compulsórias. Em “Desossaste-me” (TAVARES, 2011), a voz feminina percebe que seu corpo está deformado pelo domínio do parceiro. Todavia, o eu lírico encontra fôlego para reagir; assim como autonomia para ir embora, para pular o cercado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se analisa a cultura de sociedades que apresentam patriarcalismo explícito e ferrenho, na manutenção de sua estrutura, muitas realidades femininas parecem assustadoras. Mas é um susto sem propósito, pois as questões que afligem as angolanas sufocam outras mulheres, em outras realidades, inclusive aquelas dos polos ativos da colonização. A opressão, a exploração, a violência, a submissão, o silenciamento não são vivências comuns apenas para as angolanas, são experiências que afetam mulheres no mundo todo.

As significações do que é ser homem e ser mulher geralmente são um entendimento que privilegia o homem como ser superior. É uma mudança de paradigma possível; entretanto, é algo que exige muitas negociações, para que sejam autorizados outros modelos de relações. As pessoas seriam mais livres se não estivessem subjugadas pelas expectativas de gênero, então, pensar sobre isso já é um começo.

Isso nos faz refletir se é possível romper com as dominações de gênero. E a afirmativa dada neste trabalho é de que é possível sim, mas se trata de processo cultural de longo alcance. É renovar simbologias que pressupõem a inferioridade feminina, com a função de satisfazer privilégios masculinos. Desta forma, é necessário elaborar paradigmas mais equilibrados nas relações de poder entre os gêneros, para que as mulheres sobrevivam às mazelas que enfrentam e possam conduzir, com liberdade e dignidade, suas relações. A mudança de paradigmas só é possível quando a mulher consegue romper com

os simbolismos sociais que a subjagam.

Este estudo leu poemas frente às teorias de gênero, discutidas por algumas gerações de teóricas feministas que, por vezes, apresentam aspectos contraditórios, mas que se entrecruzam nesta análise. Além da perspectiva da opressão feminina, fica para os próximos leitores e pesquisadores uma gama de outras faces femininas a serem descobertas na poesia de Paula Tavares.

REFERÊNCIAS

- AVILA, Mara Regina Avila de. *Pela poesia de Ana Paula Tavares: vozes e ecos de Angola em África*. 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010. Disponível em: https://ppglettras.furg.br/images/Dissertacoes_pdfs/MaraRegina.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Disponível em: <https://app.box.com/s/u40vdemu1g53y67xjlaaqdwmaijtgesd>. Acesso em: 14 jul. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. Ed. Trad. de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DUCADOS, Henda. A mulher angolana após o final do conflito. In: ACCORD. *Da paz militar à justiça social? O processo de Paz angolano*. Londres, Conciliation Resources, 2004. Disponível em: http://www.c-r.org/sites/default/files/accord15_port.pdf. Acesso em: 5 jun. 2020.
- GRASSI, Marzia. *Gênero, Desigualdades Sociais e Desenvolvimento na África Subsaariana: o caso de Angola*. Publicações, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/Marzia%20Grassi%20%20Publica%C3%A7%C3%B5es%202001,%20n%C2%BA1.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- MACHADO, Emília; PARREIRAS, Ninfa; SALEK, Vânia; ROCHA, Mariucha. *Da África e sobre a África: textos de lá e de cá*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MACHADO, Lia Zannota. *Perspectivas em confronto: Relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?* Brasília: UNB, 2000. Disponível em:

http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/MACHADO_GeneroPatriarcado2000.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

MANTOLVANI, Rosângela. *Escrita de mulheres*. Assis: USP, 2003. Disponível em: <http://escrita-das-mulheres.blogspot.com.br/2007/01/escrita-das>. Acesso em: 10 jul. 2016.

MATTA, Inocência. Prefácio à edição Portuguesa: Passagem para a diferença. In: TAVARES, Paula. *Amargos como os frutos: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

PEREIRA, Aline. *CODESRIA: contributo das angolanas para a construção de um espaço público de discussão em Angola: a força das organizações de mulheres*. ISCTE, Universidade de Lisboa, 2008. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Aline_Afonso_Pereira.pdf.

Acesso em: 8 abr. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, p. 137-150., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. As veias Pulsantes da terra e da poesia. In: TAVARES, Paula. *Amargos como os frutos: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. A literatura e a arte em Angola na Pós-Independência. In: *Conexão Letras*. As línguas & as literaturas de língua portuguesa e brasileira. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 8, n. 9. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com/conexao/09.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SILVA, Eugénio Alves. Educação em Angola e (des) igualdade de género: quando a tradição cultural é factor de exclusão. In: *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16492/1/EDUCA%C3%87AO%20ANGOLA%20DESIGUALDADE%20GENERO.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

SILVA, Eugénio Alves. Tradição e identidade de género em Angola: ser mulher no mundo rural. In: *Revista Angolana de Sociologia*, n. 8, p. 21-34 dez. 2011.

Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/20538/1/RAS-N8-DEZ2011.pdf>. Acesso em: 2 maio 2020.

SOUZA, Mailza Rodrigues Toledo e. O Erotismo e as Representações do Feminino em “Ritos de Passagem”, de Paula Tavares. In: *Interdisciplinar: Revista de Estudos de língua e literatura*, ano 5, v. 10, jan./jun. 2010. p. 133-144.

Disponível

em:

<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1261>. Acesso em: 14 jul. 2020.

TAVARES, Ana Paula. *Amargos como os frutos: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

Recebido em 15/07/2020.

Aceito em 04/12/2020.